

Galeria do Ibeu celebra 60 anos de arte

Mônica Riani

(Continuação da primeira página da Gazeta do Rio)

Do grande panorama da exposição – que parte do Modernismo, percorre os anos 60 até a geração 90 – formado por 90 peças, o público irá encontrar um casario pintado por Iberê Camargo em 1946, a tela *Da Minha Janela*, com dedicatória ao pintor Frank Schaeffer, outro integrante da mostra. Há também o desenho a lápis *Presépio*, de Tarsila do Amaral (1941); a gravura *Retrato do Compositor Beethoven*, de Carlos Oswald (1935); outra gravura, *O Menino de Brodósica*, de Portinari (1951).

A mostra terá início nos anos 40, remontando à fundação da galeria, que ainda não tinha sede própria – o que aconteceu somente em 1960, na Rua Senador Vergueiro, no Flamengo. Entre 1940 e 1951, as mostras eram promovidas em espaços como o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o Ministério da Educação e a Escola Nacional de Belas Artes. Coube a Carlos Oswald, grande professor e difusor da gravura no País, abrir os

trabalhos mostrando águas-fortes na inauguração da primeira biblioteca do Ibeu, em sua sede então instalada na Rua México, no Centro, em 15 de março de 1940. Naquela década se formou a primeira comissão de arte do Ibeu, com integrantes como Alcides da Rocha Miranda, Augusto Rodrigues e José Thomaz Nabuco, que decide os rumos da programação.

Em 1944, coube à segunda comissão, encabeçada por Marc Berkowitz, a idealização da galeria, tomando-se ele criador de mostras temáticas, como a trienal *O Rosto e a Obra*, apresentando retratos dos artistas convidados a expor. Entre 1961 e 1989, ano da morte de Berkowitz, foram realizadas oito exposições da mostra, com participantes como Fayga Ostrower, Edith Behring, Anna Letycia, Goeldi e Glauco Rodrigues.

Dos anos 50 aos 60, a instituição passou a ter uma sala de exposições na nova sede, instalada na Rua Senador Vergueiro. Na abertura, uma grande coletiva reuniu pintores do porte de Burtel Marx, Guignard e Santa Rosa, junto a americanos. Aqueles 10 anos foram marcados pela apre-



A tela de Vergara, de 1966, faz parte da exposição

sentação de obras articuladas em torno de movimentos consagrados na arte brasileira. Um dos mais importantes ocorreu em 1954, liderado pelo pintor e professor Ivan Serpa, que então lecionava no MAM, aconteceu a

coletiva do Grupo Frente, expondo artistas inseridos no neoconcretismo, que pedia uma ruptura com o Modernismo. Entre eles, Hélio Oiticica, Lygia Pape e Lygia Clark. Em 1960, o Ibeu levou para Copacabana sua sede, con-

cretizando o espaço com a galeria. Na época, foi realizado o 1º Salão Ibeu de Artes Plásticas. Durante a ditadura militar, a galeria não aderiu, mas não rejeitou a arte engajada. "O Ibeu nunca tomou partido político, mas não deixou de mostrar a produção contemporânea", pontua a curadora. Um dos momentos mais polêmicos foi o quadro-objeto de Wesley Duke Lee, que representava uma noite de núpcias. Era 1964, ano do golpe, o mesmo que exporia também a individual de Josef Albers, *Homenagem ao quadrado*. Professor da Bauhaus entre 1922 e 1923, o artista influenciou a formação do expressionismo abstrato americano. Também em 1964 ocorreram exposições como a *Coletiva Brasileira*, com trabalhos de Rubens Gerchman, Carlos Vergara, Roberto Magalhães e Maria Leontina, em 1966. Em 1977, a instituição fundou o Prêmio Ibeu de Artes Plásticas.

Nestes 60 anos, o próprio Ibeu formou uma extensa coleção, com cerca de 300 peças. Parte do acervo, 20 obras, será apresentado na galeria que a instituição mantém em Madureira, Zona Norte do Rio, há se-

te anos. A galeria fica na Estrada do Portela, 92.

Ao assumir a curadoria em 1990, Esther respondeu por outras revelações. Ex-colunista de arte em jornais como *O Diário de Notícias* e *O Dia*, a crítica de arte trouxe para a galeria a obra de Arthur Bispo do Rosário, de Ernesto Neto, Franklin Cassaro, Hilton Berredo. À frente da comissão de arte, a curadora recebeu portfólios de artista e vai conferir pessoalmente a produção nos ateliês. Foi assim que descobriu obra de nomes como Carla Guagliardi e Rodrigo Saad, mais conhecido como Cabelo. Também no ateliê, embora de um artista consagrado, Antonio Manuel, encontrou a instalação *O Fantasma*, baseada na chacinha dos meninos da Candelária. A obra foi exposta na galeria, ganhou o Prêmio Ibeu e alcançou a Bienal Internacional de São Paulo e de Liapresentada no Jeu de Paume, de Paris, há dois anos. "Hoje em dia não fazemos muitas exposições de artistas estrangeiros. O artista brasileiro é o melhor do mundo na atualidade. Algo dado pela força e criatividade da nossa terra, que agora está sendo reconhecido", conclui a curadora.

arte contemporânea